
Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae. Vol. VII. *Oidipous – Theseus*. Dois vols. in VI encadernados. Vol. I texto, 1065 p., vol. II pranchas, 816. Zürich-München: Artemis Verlag, 1994.

Seria difícil exagerar a importância do LIMC. Esta obra de referência, hoje absolutamente indispensável aos helenistas de qualquer especialidade, pode comparar-se, pelo seu vulto, às construções monumentais da Paulyy/Wissowa/Kroll e do Roscher Lexikon. Seu empreendimento mobiliza uma elite internacional de sábios empenhados na sistematização de um riquíssimo acervo de conhecimentos eruditos sobre a Antigüidade Clássica: uma façanha com muito poucos correspondentes em domínios outros da pesquisa sistemática sobre culturas humanas. O impacto da aparição do LIMC faz-se já sentir com força além do círculo dos helenistas, e tende a tornar-se cada vez mais significativo no pensamento de todos os que se preocupam com mitologia – pois leva a pensar a problemática dos mitos de uma nova maneira.

O volume VII, publicado no final do ano de 1995, encerra verbetes que vão de *Oidipous* a *Theseus*, mais um importante adendo: os artigos “Kassandra I”, “Kyknos I”, “Mousa-Mousai”, “Musae”, “Nestor”. Trata-se de um volume extremamente rico numa obra opulenta. No prefácio a este volume, o Professor Givannangelo Camporeale, presidente do Conselho de Fundação do LIMC, remete-se ao que escreveu Jean Pouilloux para o vol. VI, acusando a complexidade crescente do trabalho de edição do *Lexicon*. À primeira vista, isto parece contraditório... Com o avanço da obra sobre bases já consolidadas, com a definição mais nítida de suas linhas, seria de esperar a progressiva simplificação do processo... Mas quem considera atentamente a relação entre os volumes aparecidos, entende logo os editores: o fato

é que cada etapa traz desafios novos, envolvendo a necessidade de cobrir lacunas deixadas atrás, atender a requisitos de uma estrutura que se amplia e sofisticada de modo progressivo, fazer face às exigências da correlação entre campos de registro a cada passo maiores e mais ricos. O LIMC exige cada vez mais do LIMC... e o impacto de sua recepção multiplica essa exigência. O presente volume reflete essa acrescida complexidade, pois a obra caminha agora para a conclusão: o volume VIII comportará os últimos artigos, devendo seguir-se dois volumes de índices.

É fácil prever que muitos desdobramentos se darão a partir da iniciativa prestes a coroar-se.

O artigo “Oidipous”, que abre o volume VII, traz a assinatura de Ingrid Krauskopf, uma helenista cujos estudos sobre o tema encerram importantes contributos para a discussão da mítica de Édipo. Este caso merece destaque por uma razão especial: inegavelmente foram os especialistas da iconografia os que produziram os maiores avanços e as novidades de maior impacto na (re)configuração do corpus documental pertinente aos mitos antigos do labdácida: pode-se mesmo dizer que, da última década para cá, eles foram os grandes renovadores desse *status quaestionum*, com um contributo bem mais significativo que o dos filólogos. (Os estudos de Jean-Marc Moret, Erika Simon, Ingrid Krauskopf e M. Cristofani revelaram-se decisivos nesse contexto.). No referido verbete, nas quinze páginas iniciais do volume em discussão, encontra-se um apanhado muito rico da iconografia de Édipo – e sente-se com clareza a revolução promovida pelos especialistas das imagens na abordagem do assunto. A presença mais poderosa é a de Jean-Marc Moret, que a autora destaca com justiça, até nas indicações do catálogo: pode-se mesmo dizer que o desenho deste reflete o grande impacto da obra do sábio suíço *Oedipe la Sphynx et les Thébains...* em particular no último tópico, que correspon-

de ao alinhamento das representações da cena do enigma, aquelas em que o herói enfrenta a Esfinge. Mas um outro traço interessante do artigo vem a ser o confronto que possibilita entre as posições de Krauskopf e Moret. O leitor tem dificuldade em conter a sua expectativa pelo artigo “Sphynx”...

Outro verbete que merece destaque é o *Orestes*, de autoria de Haiganuch Sarian, complementado por Vassiliki Machaira (no último tópico do catálogo, que corresponde às representações de Orestes na Táurida). A imensa riqueza do tema é um desafio confrontado com segurança. O catálogo discrimina os momentos fundamentais da saga mítica, fazendo a distribuição dos motivos icônicos com base nessa referência. O primeiro tópico, relativo à infância do herói, cinge-se à remissão aos verbetes *Télefo* (para o episódio de Télefo), e *Ifigênia* (pois se trata das figurações de Orestes em Áulide com a mãe e a irmã levada ao sacrifício). Os tópicos seguintes (*O. em Argos*, *O. em Delfos*) seguem uma ordenação “narrativa” correspondente a episódios de uma bem conhecida série mítica, apresentando de forma clara a seleção temática operada pela tradição imaginária. O tópico quarto reporta o tema da perseguição de Orestes pelas Erínias e tal como o seguinte (*O. em Atenas*), sugere a oportunidade de volver ao excelente verbete *Erinys*, do Vol. III, 1 (p. 825-843) do LIMC, também assinado por Sarian. O comentário aborda de forma precisa os critérios de identificação da figura do herói e a construção da imaginária que lhe corresponde, assim como sua relação com as representações teatrais dos grandes dramas clássicos do ciclo argivo, em particular de *As Eumênides*, de Ésquilo.

Outro artigo admirável é o que corresponde ao verbete *Orpheus*, por Maria Xení-Garezou. A riqueza e a variedade da iconografia exigem um trabalho profundo, requerendo, na definição de alguns motivos, uma cuidadosa análise tipológica. Por outro lado, o grande número de documentos de

identificação incerta arrolados mostra a dificuldade em precisar as fronteiras deste universo mítico-icônico – o que tem a ver, evidentemente, com a própria configuração do campo mitológico correspondente.

O verbete *Perseus*, por Linda Jones Roccas, apresenta um comentário muito rico, em sua concisão: traz um breve esboço de história da tematização iconográfica dos mitos do herói, e ainda um bosquejo da tipologia da figuração do personagem nesse horizonte diacrônico.

Um trabalho extraordinário pela amplitude do campo coberto e pela profunda perícia com que a massa gigantesca de informação aí veio a ser ordenada encontra-se no verbete *Poseidon*, assinado por Erika Simon, que se responsabilizou também pelos verbetes complementares *Nethuns* (etr.) e *Neptunus*, neste caso com uma (pequena) colaboração de Gerhard Bauchhens. Impressionam também pelas mesmas razões a feitura dos verbetes *Priamos* (p. 507-522), por Lili Kahil, *Osiris* e *Osiris Kanopos* (p. 106-116 e 116-130), por Gisèle Clerc e Jean Leclant, *Phrixos et Helle* (398-404) por Philippe Bruneau, *Theseus* (922-951), por Jennifer Neils.

De um modo geral, os verbetes do LIMC têm por *caput* nomes de divindades e de heróis – de personagens de narrativas míticas –, segundo é a regra em dicionários mitológicos. Naturalmente também ocorre, neste como em outros léxicos do gênero, a indicação de figuras pouco individualizadas, componentes de fabulosos conjuntos, mais ou menos homogêneos (p.e. os Patecos), ou de imprecisa caracterização (é o caso de Olta, o monstro etrusco, também objeto de uma glosa no vol VII do LIMC); no outro extremo do espectro, referem-se personificações (p. e. as *Pekheis* figurativas dos côvados alcançados pelo fluxo montante da cheia do Nilo...).

Mas ocorre aqui também a remissão a figuras praticamente “sem fábula”, como Oknos... Por fim, o LIMC inclui, ainda que de modo menos freqüente, a remissão a epi-

sódios míticos que a tradição iconográfica converteu em unidades de representação: seja o caso das glosas *Paridis Iudicium* e *Septem*. (Esta última, por sinal, pela abrangência do catálogo e pela riqueza dos comentários figura um verdadeiro ensaio, lavrado com a precisão e acuidade características de I. Krauskopf).

Nos adendos, um extraordinário feito de erudição contempla uma iconografia opulenta: complementando o verbete *Mousa*, *Mousai*, que Anne Queyrel preparou no vol. VI (p. 657-689), Lucia Phaedo (p. 1991-1013) contempla a figuração das Musas na Idade Helenística; já o artigo "Musae" divide-se em duas partes: Janine Lancha assina um apanhado sobre o repertório das imagens das musas no Ocidente romano, com exceção das representações dos sarcófagos, estas consideradas adiante, numa abordagem conjunta, por esta estudiosa e L. Phaedo.

Além dos verbetes aqui evocados, seria possível destacar muitos outros, no volume em apreço. Mas é o padrão geral do conjunto que suscita a maior admiração. O LIMC se afigura a maior realização coletiva da erudição clássica nos últimos tempos.

ORDEP SERRA
Departamento de Antropologia
Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas
Universidade Federal da Bahia

BURKERT, W. *Mito e Mitologia*. Lisboa: Edições 70, 1991. 81p.

A introdução da monumental publicação *Propyläen Geschichte der Literatur*, vol. 1 de 1981, foi-nos oferecida como um pequeno livro de caráter propedêutico, indispensável para os iniciantes no assunto. Da autoria do prof. W. Burkert, considerado atu-

almente o melhor especialista em mitologia, o livro, nesta edição, tem M. H. Rocha Pereira como tradutora e L. Scheidl como revisor.

Discutindo inicialmente essência e função, o autor distingue duas correntes definidoras do mito (G. Kirk e M. Eliade), aponta limitações nestas correntes e recomenda que "não se procure a especificidade do mito no conteúdo, mas na função". Propõe, inclusive, algumas funções do mito tais como, "cartas de fundação de instituições, explicações rituais, precedentes para aforismos mágicos, esboço de reivindicações familiares ou étnicas, e, sobretudo, orientação que mostra o caminho neste mundo ou no além."

Burkert analisa os mitos como estruturas de sentido, metáforas ao nível da narração. Pela abordagem estruturalista dos mitos, registra algumas variações nas narrativas, mas não deixa de recomendar que estruturas semelhantes indicam realidades distintas que, em contaste, definem a mitologia dos vários povos (seção dois).

Numa terceira seção, temos um apanhado histórico detalhado sobre as teorias do mito de Felix Buffière, 1956, e Jean Pépin, 1958 (explicação alegórica do mito); Richard M. Dorson, 1955 (associação mito, natureza e astrologia); W. Robertson Smith, Jane Harrison 1890, 1912; Samuel H. Hooke, 1933; Fontenrose, 1966; Kirk, 1970 (a teoria do mito como narrativa ligada a rituais); Freud, Otto Rank, 1909; Jung, 1957, 1976; Jung-Kerényi, 1942, 1976 (a teoria da análise psicanalítica dos mitos) até o estruturalismo de Lévi-Strauss, 1958, 1964/71.

Vamos encontrar uma distinção entre mito e narrativa épica na quarta seção. Enquanto os mitos são estruturas iniciais, as narrativas épicas, segundo ele, tendem para o pormenor; têm forma elaborada (versificada em hexâmetros) e uma linguagem artificial constituinte de um modo "quase real". Enquanto o mito tem uma função e uma realidade extrapoética, a função da epo-